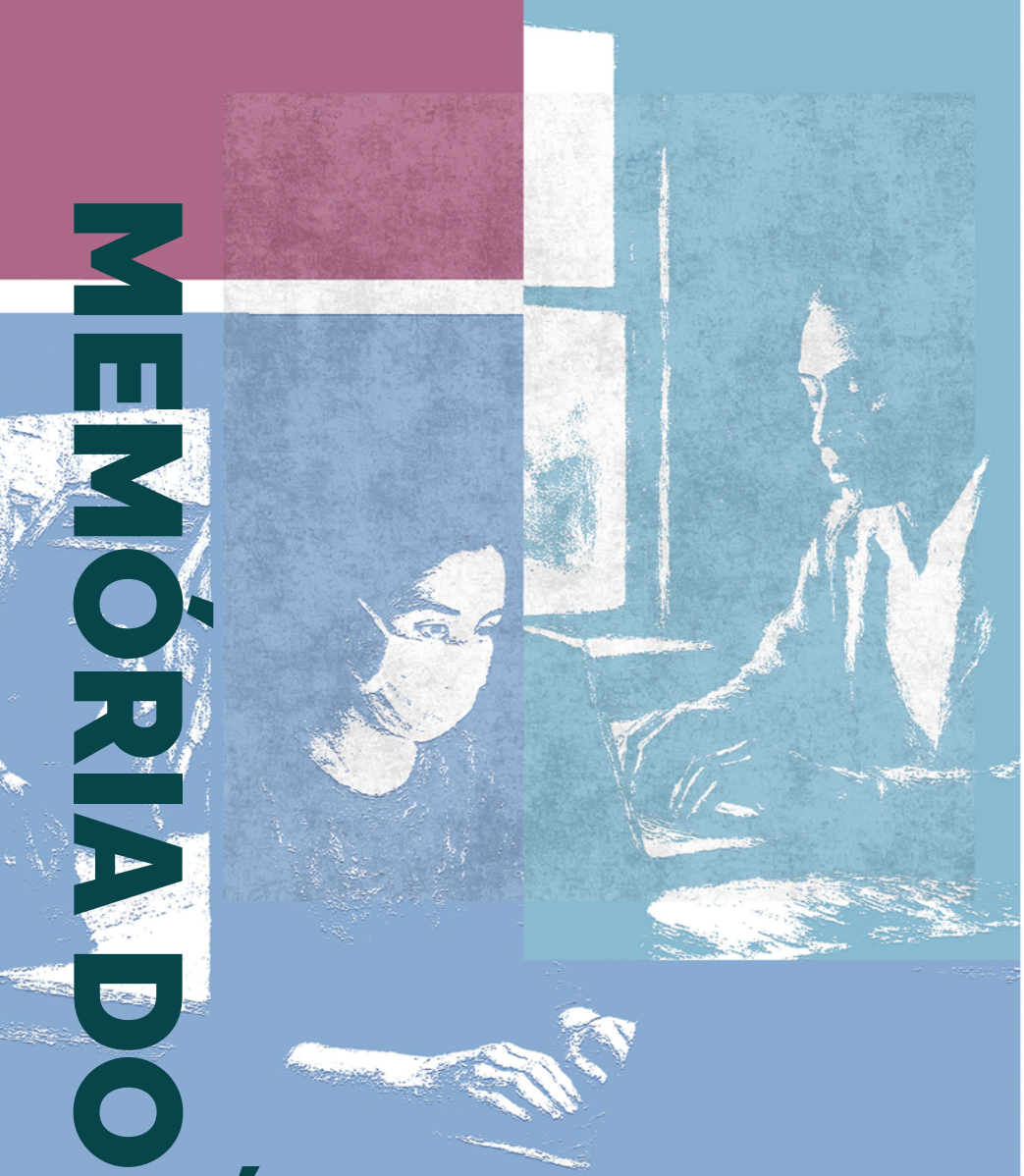
MEMÓRIA DO OFÍCIO DOCENTE

na Pandemia do Covid-19









FERNANDA SPANIER AMADOR
MARIA CAROLINA DE ANDRADE FREITAS
MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
FABIO HEBERT DA SILVA
(Orgs.)

pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M533

Memória do Ofício Docente na Pandemia de Covid-19 / Organização Fernanda Spanier Amador... [et al.]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Demais organizadores: Maria Carolina de Andrade Freitas, Maria Elizabeth Barros de Barros, Fabio Hebert da Silva.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-506-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0

1. Memória. 2. Ofício Docente. 3. Pandemia de Covid-19. 4. Narratividade. 5. Clínicas do Trabalho. I. Amador, Fernanda Spanier (Org.). II. Freitas, Maria Carolina de Andrade (Org.). III. Barros, Maria Elizabeth Barros de (Org.). IV. Silva, Fabio Hebert da (Org.). V. Título.

CDD 371.102

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação – Prática Docente
II. Pandemia - Covid-19
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<*https://creativecommons.org/licenses/*>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Paulo Carim Bevilacqua
Tipografias	Acumin, Raleway, Gloria Hallelujah
Revisão	Milena Domingos
Organizadores	Fernanda Spanier Amador Maria Carolina de Andrade Freitas Maria Elizabeth Barros de Barros Fabio Hebert da Silva

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2026







8

Fernanda Spanier Amador
Maria Carolina de Andrade Freitas

"COM O CORAÇÃO NAS MÃOS":

O TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA POR ENTRE GESTOS

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0.8





SUMÁRIO



Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo (...)

(Carlos Drummond de Andrade, 2009)

A perspectiva clínica do trabalho que nos orienta nas análises realizadas pela pesquisa *Narrativas do Trabalho Docente na Pandemia de Covid-19: pela memória do ofício, práticas de cuidado na educação*[1], coloca-nos a andar pela tríade trabalho docente, processos de produção de subjetividade e saúde, com especial atenção aos efeitos da pandemia. Trabalho aqui considerado enquanto experiência envolvida na microgestão das variabilidades do meio que caracterizam a distância entre as prescrições para o trabalho, e o trabalho que se consegue efetivamente realizar; trabalho que consideramos enquanto atividade (Clot, 2010a) mobilizada no enfrentamento com o real do trabalho por entre instâncias do ofício docente.

Ofício para Clot (2013), consiste no trabalho cultivado coletivamente, dimensão laboral investida em responsabilidade compartilhada. O ofício não é apenas uma prática, ou mesmo atividade, tal como a definimos acima. Ele as envolve, mas as ultrapassa para implicar quatro instâncias: pessoal, que se refere ao modo como cada trabalhadora ou trabalhador dá contorno ao seu modo de realizar o trabalho; impessoal que diz respeito às tarefas e funções estabelecidas; interpessoal que diz respeito ao fato de as decisões a serem tomadas no trabalho serem dirigidas aos pares do trabalho, às suas aceitações ou recusas, pelas e pelos companheiros de trabalho e, por fim, transpessoal, esse "atravessado por uma história coletiva que passou por muitas situações e dispôs de sujeitos de diferentes gerações a responderem por ela, de uma situação a outra, de uma época a outra" (Clot, 2013, p. 6). Essa última instância abarca a dinâmica gênero profissional-estilo, esfera feita do estoque de invenções

1 As autoras deste capítulo contaram com financiamento do Edital Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021/ Processo CNPq 409825/2021-2 e Edital nº 01/2022 PROGRAMA INSTITUCIONAL DE APOIO À PESQUISA – PAPQ/UEMG.





SUMÁRIO



para trabalhar emergentes do exercício do trabalho como atividade e que se transforma por estilizações. Tais estilizações são necessárias para impedir que o ofício perca sua vitalidade, enfraqueça do ponto de vista de sua função na produção da saúde.

Em clínica da atividade, abordagem clínica do trabalho desenvolvida por Yves Clot e colaboradores, a saúde no trabalho está diretamente relacionada à possibilidade de mantermos o ofício vivo em sua dinamicidade de fazer-se outro. Esse caminho implica que pensemos nas estratégias de atenção à saúde de trabalhadoras e trabalhadores pela via do cuidado do ofício para cuidar das pessoas. Dito de outro modo, é promovendo espaços para que possam realizar o trabalho coletivo de produção de uma história comum, a história do ofício, repleta de sucessos, tentativas e fracassos associados aos desafios do real[2], trabalho esse feito de coanálise das situações laborais, de fortalecimento do diálogo acerca dos rumos que os processos de trabalho tomam, ou podem tomar, que se cuida da saúde de cada uma, de cada um. Entre o trabalho prescrito, aquele que se refere ao estabelecido enquanto tarefa e o trabalho real, aquele efetivamente realizado, há o real do trabalho.

Das infinitas possibilidades analíticas do que se passou com professoras e professores na pandemia e a partir dela, elegemos para fins deste capítulo a processualidade que envolve gestos do trabalho. Em texto dedicado ao assunto, Clot (2010a) indica que aprender um gesto profissional é sempre retocá-lo em função de contextos heterogêneos. Trata-se de entender que os gestos envolvidos na ação em situação de trabalho e no trabalho em situação são trocados entre pares do trabalho por entre signos diversos (corporais, linguísticos, sensoriais) e sempre recriados, em alguma medida,

2 Para Clot (2006, p. 116), "[...] o real da atividade é também tudo o que não se faz, aquilo que não se pode fazer, aquilo que se busca fazer sem conseguir – os fracassos –, aquilo que se teria querido ou podido fazer, aquilo que se pensa ou que se sonha poder fazer alhures. É preciso acrescentar a isso – o que é um paradoxo frequente – aquilo que se faz para não fazer aquilo que se tem que fazer ou ainda aquilo que se faz sem querer fazer. Sem contar aquilo que se tem de refazer".





SUMÁRIO



na incessante abertura e inacabamento que configura a dimensão gestual da experiência do trabalho.

O título "Com o coração nas mãos" é extraído de uma Roda de Conversa realizada com cinco professoras e um professor da rede pública, com atuação na educação básica. A expressão que gerou o título deste capítulo foi proferida por uma professora que contando da situação do retorno às aulas, ainda com restrições exigindo distanciamento social e medidas rápidas frente a diagnósticos de Covid-19 na escola, na impossibilidade de poder receber as crianças com um abraço afetuoso como fazia, faz "corações com as mãos" em um gesto de afago. Coração nas mãos que abraça e aconchega, mas também que diz da apreensão das professoras e professores naqueles dias, dados os riscos que se corria, convertendo-se em gesto do trabalho para fazer meio para a aprendizagem que cabe à professora, com suas alunas e alunos, mobilizar. Há que se produzir condições afetivas para a aprendizagem, de maneira que o processo de trabalho docente requer movimentos que as favoreçam, e naqueles dias pandêmicos a profusão desses movimentos-tentativas foi experimentada em velocidade impactante.

Movimentos-tentativas que dizem, na inspiração de Deligny (2015), de esforços para fazer as coisas de um modo diferente do habitual em certa experiência estética que surfa naquilo que Rancière (2010) entende como sendo da ordem da potência que não se divide, potência essa que se sustenta na inseparabilidade entre viver, conhecer, ignorar, tentar e agir.

Abordando o tema do gesto, Agamben (2008) ajuda-nos a posicionar essa linha fina que envolve gesto e dialogia, tal como evidenciamos nas Rodas de Conversa realizadas na pesquisa, uma vez que gestualidades quando narradas, fazem-se acompanhar de marcas peculiares por entre o procedimento narrativo. Retomando o pensamento de Varrão, Agamben (2008) insere o gesto no contexto da ação, distinguindo-o, contudo, do agir e do fazer. O autor argumenta que é possível fazer algo sem, necessariamente, agir,





SUMÁRIO



situando o gesto na ordem daquilo que cria meios: trata-se de um movimento-potência de ação e de atos, no e pelo trabalho. Antes que pelo ato consumado do trabalho, interessamo-nos pelo que se exibe como medialidade que leva a ele, de modo que nossas análises visam tornar visível um meio, aquele feito de gestualidades, as quais, em nosso ponto de vista, consistem nos movimentos experimentados no tempo como duração, também do diálogo.

Gesto é uma medialidade sem fim que se comunica possibilitando aberturas nos modos de trabalhar e que, assim, favorece possíveis no que tange a uma experiência do trabalho em saúde, ou dito de outro modo, a uma saúde pelo trabalho. O gesto é, nos parece, via para a produção de sentidos no e pelo trabalho em ato na exata medida em que ele não tem, como diz Agamben (2008), nada propriamente a dizer. É aí e por aí que a emergência de professoras e professores na pandemia nos interessa, o lugar do "ser docente em devir", por entre os desafios do real do trabalho naquele momento crítico.

Durante a pandemia muitas pesquisas foram produzidas no calor da situação pandêmica que se instalava, tal como fizemos com a proposição de nosso projeto de investigação. Mobilizados pela perplexidade daquele momento, pesquisadoras e pesquisadores, essas e esses também professoras e professores, mobilizadas e mobilizados pela situação que se vivia, passaram a tentar entender como tudo aquilo impactava o trabalho docente, de maneira que sob a perspectiva dos estudos clínicos do trabalho várias análises indicam quadros sintomatológicos e/ou percepções de trabalhadoras e trabalhadores a respeito de como era e de como foi trabalhar na pandemia[3].

Interessou-nos, contudo, atentar para o que se passava enquanto as e os docentes tentavam fazer meio para trabalhar. Era da processualidade gerativa de atos do trabalho que envolvem uma

3 Diversos estudos produzidos a respeito de trabalho docente e pandemia destacaram sintomas como ansiedade, quadros de depressão e sentimentos pessimistas, dentre os quais destacamos: Jacob (2023), Lima *et al.* (2024) e Santos *et al.* (2023).





SUMÁRIO



gestualidade que desejávamos tratar. Contar tal processualidade implicou que, enquanto método, puséssemos atenção nas passagens que davam consistência aos diálogos. Passagens aqui se referem ao modo de recortar os fragmentos orais registrados nos documentos da pesquisa a partir da realização das Rodas de Conversas com a aposta política na força e no fluxo do diálogo que permitiu a construção dos fios analíticos. Não são meros recortes demonstrativos, são antes analisadores dos problemas suscitados pelo esforço de pensamento entre os partícipes da pesquisa.

O objeto em clínica da atividade consiste em um objeto-problema, isto é, trata-se de traçar os percursos pelos quais trabalhadoras e trabalhadores criam os meios para fazerem sempre, em alguma dimensão, outra coisa diferente do que faziam habitualmente no trabalho, situação essa que se viu amplificada na pandemia. Estratégia para apreender uma espécie de matéria movente, para alcançar o que é difícil de dizer e para mobilizar o trabalho para que se converta em objeto do pensamento, em objeto de análise.

Pelas Rodas de Conversa e alguns elementos disparados pela plataforma digital interativa (https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/), criada para postagem de histórias de trabalho, tratamos nas linhas que seguem de fluxos gestuais pela dialogia experimentada junto ao grupo de professoras e professor aqui em questão, as e o qual se puseram a narrar o que se passava do ponto de vista do trabalho como atividade naqueles dias pandêmicos.

As seções intituladas: *Cuidar da Própria Sobrevivência & Cuidar da Sobrevivência do Ofício: histórias de "coragens"; Corpo, memória e testemunho: sobre corpos estranhos; Escola sem Aglomeração – o que é isso?...* e, *(Pre)ocupar-se com os desaparecidos: "o coração nas mãos",* se oferecem como linhas de uma teia analítica que mobiliza a tríade trabalho docente, subjetividade e saúde, na e a partir da pandemia. Tais tópicos aparecem transversalmente uns aos outros nas análises e nos dão uma dimensão daquilo que se





SUMÁRIO



experimentou enquanto experiência de ofício. Seguindo o fluxo do diálogo, buscamos atentar para a fina complexidade dos elementos analíticos que nos interessam do ponto de vista clínico do trabalho.

Como estratégia de escrita desde capítulo, adotamos um percurso que segue o fluxo do diálogo transcorrido no primeiro dia de encontro com as professoras. Pegamos os fios de uma conversa já pelo meio, quando as professoras se encontravam em meio à conversação do dia e seguimos seu fluxo até o final do encontro. Atentar para as nuances do diálogo estabelecido entre equipe pesquisadora e docentes consiste em uma postura que adotamos tendo em vista que é por sua motricidade que toda esfera movente do trabalho como atividade é colocada em análise.

CUIDAR DA PRÓPRIA SOBREVIVÊNCIA & CUIDAR DA SOBREVIVÊNCIA DO OFÍCIO: HISTÓRIAS DE "CORAGENS"

Frequentemente professoras e professores manifestaram a necessidade de momentos nos quais fosse possível conversar entre pares. Ao mesmo tempo, foram frequentes também as manifestações da presença de um certo cansaço por se perceberem em meio a "muita conversa" naqueles dias pandêmicos. Também foram frequentes as manifestações relativas a uma experiência de assoberbamento marcada pelo excesso de "janelas", de "janelas-tela". Experiência de excesso e limitação que implicava a gestão de muitas aberturas simultâneas e parecia atravessar distintos espaços e momentos da vida na pandemia. Tal experiência indica, também, algo da ordem dos desafios de uma ação de cuidado em saúde junto aos trabalhadores e trabalhadoras realizada no auge da pandemia pela via de situações coanalíticas do trabalho, uma vez que os níveis de ansiedade





SUMÁRIO



e de incerteza eram altíssimos conduzindo, por vezes, a um cuidado com a própria sobrevivência enquanto prioridade. Assim indica a professora na história intitulada "Lidar com o Imprevisto"[4], quando diz: "*demorou certo tempo para que estruturássemos uma forma de prática docente, afinal, era preciso cuidarmos de nós mesmas*"[5].

Há uma assertiva no campo da clínica da atividade de que é preciso cuidar do ofício para então cuidar das pessoas, conforme já dissemos, assertiva essa que indica uma perspectiva não-higienista e não-individualizante do cuidado em saúde no trabalho como horizonte ético (Clot, 2013), uma vez que em lugar de focar nos indivíduos em sofrimento e/ou em adoecimento para sobre eles incidir, há que se incidir, sobremaneira, nos modos de organização do trabalho e na esfera coletiva pela qual se cultiva os ofícios que, assim, se oferecem como operadores de saúde.

Tal perspectiva de cuidar do ofício para então cuidar das pessoas visa fomentar práticas de cuidado em saúde da trabalhadora e do trabalhador que tomam como centralidade a análise da micro-gestão dos processos de trabalho que gera ofício, ou seja, que gera trabalho cultivado por entre a criação de modos operatórios para trabalhar no coletivo. Assim, a ideia é a de que criando estratégias para que possam colocar em análise seus modos de trabalhar, abrindo assim o trabalho a outros modos de realizá-lo, valendo-se de sua potência inacabada de advir outro, que a saúde de quem trabalha vê-se cuidada. Trata-se de apostar na criação de meio para existir e trabalhar como via para que as pessoas vivam em saúde.

4 Ver plataforma da pesquisa https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/lidar-com-o-imprevisto/ e/ou no capítulo *Narrando com restos: desafios do ofício docente*, deste livro. Esta frase se refere à fala de professora no contexto de outra Roda de Conversa realizada durante a pesquisa que não a objeto de análise e discussão no presente capítulo. Contudo, pela lógica da transversalidade das vozes durante o processo analítico, parece-nos pertinente fazê-la comparecer aqui.

5 Em itálico e entre parênteses constarão ao longo do texto fragmentos orais da Roda de Conversa, tanto de docentes quanto da equipe pesquisadora, bem como trechos escritos de histórias postadas por professoras e professores na plataforma da pesquisa.





SUMÁRIO



Contudo, vale assinalar o reconhecimento da necessidade de práticas de cuidado, por vezes, que deem conta de questões individualmente configuradas. O que se reitera é que tais práticas consistem em caminho para o cuidado e que mesmo quando necessárias, não devem apartar-se daquilo que é experimentado coletivamente enquanto experiência de ofício. Trata-se, tanto em uma quanto em outra prática, de afirmar o caráter político não individualizante da clínica do trabalho[6]. Por caráter não individualizante da clínica entendemos as abordagens que em lugar de culpabilizar os sujeitos por seu sofrimento, entendem que este se encontra produzido no campo social pela mobilização de injunções entre o desejo e as forças de assujeitamento, bem como de injunções entre o desejo e as forças que agenciam resistência.

Se agir tornou-se um imperativo naqueles dias, contudo, também uma certa fragilização dos coletivos, esses necessários para assumir os riscos da gestão do trabalho implicados no agir[7] (Clot, 2010b), foi igualmente experimentada. Falamos de coletivo tanto no sentido das possibilidades concretas de reunião das pessoas naqueles dias, mas, sobretudo, de coletivo como modo de funcionamento que procede por diferença, por mobilização de forças que possibilitam criação de modos de viver e de trabalhar (Benevides de Barros, 2007; Escóssia, 2014). Cabe destacar aqui que em clínica da atividade, o gênero profissional já mencionado pode também ser nomeado como coletivo de trabalho (Clot, 2010a), enquanto o trabalho coletivo refere-se ao processo de coanálise do trabalho como

6 Por caráter político não individualizante da clínica no trabalho, argumentamos com ajuda de Gondar (2004) que atentar para a produção social do sofrimento no trabalho, ao invés de responsabilizar os indivíduos, favorece a construção de saídas no e pelo trabalho mobilizadoras do potencial desejante das subjetividades na direção de crítica, de proposição de mudanças e de revolta.

7 Clot (2010b) indica que em situação de trabalho, corremos riscos na gestão da distância entre trabalho prescrito e trabalho real. Riscos de lograr êxito, riscos de fracassar, riscos de restar sozinho operando na transgressão caso o coletivo nos falte. Por essa razão há que se produzir confiança no coletivo para enfrentar os riscos da gestão do trabalho, suas indeterminações, encontrando nessa situação condições para afirmar uma saúde pelo trabalho.





SUMÁRIO



atividade que pode amplificar as potências de estilização no e pelo trabalho, ampliando o horizonte do gênero profissional.

Professoras e professores encontravam-se fortemente abalados pelas necessidades físicas, materiais e subjetivas envolvidas na pandemia, o que demandava, no mínimo, uma tripla força: criar meio para fazer o trabalho, criar meio para dialogar com os pares do trabalho, com as famílias e com estudantes, sobretudo por via de dispositivos digitais que impunham desvios constantes pela múltipla disponibilidade de janelas de conexão ao mesmo tempo, dentre outras dificuldades e, criar meio para não morrer. Foi assim que estando fortemente atravessadas por medos relativos à própria sobrevivência, pessoas em exercício da docência experimentaram a pandemia, em muitos momentos correndo riscos à própria vida, tendo em vista o propósito de fazer o trabalho acontecer.

Os tempos vividos eram de rupturas em profusão. Devires do trabalho e devires dos modos de comunicabilidade em profusão, era disso que se tratava naqueles dias. Atender às urgências do momento produzindo uma matéria residual de análise cujo estatuto ético das escolhas operatórias do trabalho tomadas ainda mereceria tempo futuro de análise. Afinal, pelo curso da atividade professoras e professores cuidaram do ofício como puderam, fazendo-o manter-se de pé em um empreendimento altamente complexo no qual se viram mobilizados a cuidar, ao mesmo tempo, da própria sobrevivência.

O que poderíamos pensar a respeito de sobrevivência do ofício e de sobrevivência no sentido de não perecibilidade da própria vida? Os percursos das histórias contadas indicam que foi na coemergência desses dois desafios, sustentar-se a si mesmos e ao ofício de pé, que professoras e professores experimentaram fazer meio para existir e trabalhar na pandemia.

No momento das Rodas de Conversa, devido às tantas urgências para agir e à intensidade das rupturas relativas aos modos





SUMÁRIO



de trabalhar e viver experimentadas, o teor dos diálogos parecia sinalizar que, possivelmente naqueles dias pandêmicos, o que estaríamos a gerar era uma memória a quente dos processos. Memória essa que guarda os gérmenes de uma coragem para enfrentar os constantes começos que exigiram, ainda que sem muita consciência disso, algum esboço de um coletivo para agir. O coletivo, aqui entendido enquanto gênero profissional (Clot, 2010a), sem dúvida esteve presente enquanto patrimônio para agir diante dos inusitados enfrentados, e o coletivo entendido enquanto força de estilização capaz de perturbar o gênero também, ainda que em muitos momentos ganhando contornos de enfrentamento individual.

A amplificação desta dimensão coletiva de estilização pela análise dos processos de trabalho enquanto atividade é que parece aguardar por futuros desdobramentos e elaborações na direção do cuidado do ofício. A pesquisa estaria, então, convertendo-se em momento de sistematizar uma memória a ser fecundada no retorno a essa história de "coragens" durante a pandemia, lá onde pelos constantes começos foi possível algum contorno de existência, no e pelo trabalho. Sistematizar essa memória converte-se em uma operação de cuidado com essa dimensão política da experiência, o traçado de uma memória capaz de fecundar novos futuros.

CORPO, MEMÓRIA E TESTEMUNHO:
SOBRE CORPOS ESTRANHOS

Na enorme indeterminação daqueles dias foi preciso confiança e coragem, afinal é só quando estamos sob incerteza que elas são requeridas, convertendo-se em motor para sustentar uma experiência de expansão da potência de agir (Sade; Ferraz; Rocha, 2013).





SUMÁRIO



Pegando um diálogo pelo meio: corpo e memória estavam na Roda de Conversa, era disso que se vinha falando, quando então, no fluxo da conversa, a pesquisadora menciona a extrema incerteza do momento vivido, exaltando a necessidade de uma coragem, essa entendida enquanto uma experimentação coletiva na indeterminação, uma experimentação na confiança.

Ela indica que nessa indeterminação, perdemos algo dos signos para agir uma vez que já não sabíamos se nossas alunas e alunos estariam nos entendendo ou não, perdeu-se uma certa materialidade dos efeitos do próprio processo de trabalho junto das e dos estudantes, e junto aos demais com quem nos relacionamos na docência, o que colocou desafios ao agir no trabalho. No limite, diz que não se sabia nem se o estudante estava do outro lado da tela! No entanto, ao mesmo tempo encontrou-se com outros signos, com a novidade, com o desafio de novas e inusitadas conexões.

Dessa incerteza, emergiram doses de sofrimento no trabalho ligadas à certa diminuição do poder de agir no e pelo trabalho[8], assim como uma certa incerteza que se afigurou como ambiguidade perturbadora dos afetos e das emoções envolvidas na ação, bem como alegria de, pelo inusitado, descobrir dimensões sobre as quais se desconhecia ser capaz. Algo que nas palavras de Clot (2010a), refere-se às paixões do real.

Neste momento, professora Gérbera pelo chat entra na conversa e escreve: *"... as crianças das séries iniciais adoram a hora do lanche porque tiram as máscaras e reconhecem colegas e professores"*. Essa situação mencionada no fluxo do que conversávamos parece trazer o lugar do corpo e da afeção entre corpos nessa experiência. Como agir com corpos estranhos? Como agir "como" corpos estranhos?

8 A dinâmica do poder de agir no e pelo trabalho pode ser paradoxal: envolvendo constrangimentos para agir, é pelo impedimento que se age, por vezes.





SUMÁRIO



A próxima professora a se juntar na conversa, Hortênsia, menciona que foi modificando sua estratégia para se apresentar no grupo tendo em vista a fala da colega apresentando a peculiaridade de sua experiência de defesa de tese de doutorado: *online*. Uma experiência que inicia sem recursos para a ação tendo em vista o inusitado do momento, levando a uma defesa realizada virtualmente pelo Skype e transmitida pelo Facebook e Instagram, o que é dito entre risos. Risos sinalizantes de uma situação atípica, a qual demandava, também, fazer um corpo atípico para dar conta da situação. Dando destaque à possibilidade de que pela pesquisa fosse possível produzir encontros nos e pelos quais as pessoas introduzissem "seus inícios", como diz a professora em relação ao tema das imprevisibilidades, esta salienta que ao se apresentarem na Roda de Conversa estão, também, "trazendo seus inícios". Seriam "inícios-problema"? Seriam gérmenes de problematização a sustentar os encontros destinados a colocar em análise os modos de trabalhar na pandemia marcados por constantes inícios? Por constantes novos modos de trabalhar?

Segundo a professora Hortênsia, soma-se a esses elementos que a trouxeram para a Roda, o fato de a pesquisadora ter participado do Seminário de Trocas Pandêmicas[9], ensejando um desejo de retorno pela acolhida recebida naquele momento, e indica: "*Então é importante pra ti, e acho que vai ser importante pra nós também*". Isto nos faz pensar na mobilização de uma demanda de análise para um processo analítico acerca da experiência do trabalho, a qual aqui parece muito relacionada ao desejo de retribuição à pesquisadora. Visando operar a produção de uma torção na demanda, no sentido de exaltar a experiência captada das professoras e professores naqueles dias de seminário e que se encontra com aquilo que a pesquisa visava mobilizar, a pesquisadora remarca sua percepção a respeito do processo lá transcorrido, dizendo: "(...) eu fiquei muito

9 Tal Seminário consistiu em ação de extensão promovida no ano de 2021 por um grupo de professoras e professores vinculados a uma escola para trocarem experiências de como vinham trabalhando na pandemia.





SUMÁRIO



positivamente impressionada com o que eu vi daquele evento que vocês realizaram. Porque ali a gente percebeu todo esse esforço de vida e de saúde de vocês na situação pandêmica, já sendo vivido, já sendo... então, uma coragem coletiva." De fato, o que se evidenciou naqueles dias de seminário foi uma certa prática de análise do trabalho como atividade sendo realizada por iniciativa própria das e dos docentes envolvidos.

A última professora, Jasmim, a se apresentar também exalta: o que diria no início do encontro já se tornou outra coisa após escutar as demais professoras e professor ali presentes no grupo. Dizendo "*quase não ter uma memória docente do momento pandêmico*", pelo motivo de que viviam na pandemia algo muito diferente do que outras escolas – uma vez que ainda não havia retornado ao presencial –, a professora indica algo muito interessante do ponto de vista clínico do trabalho: a importância da tessitura coletiva da memória de ofício que envolve partilha da experiência com os pares para processá-la junto, no lastro das produções de ofício que as liga por uma história.

Ao mencionar, experimentar certo descompasso em relação a seus colegas de profissão, pelo fato de ainda não ter retornado ao presencial, Jasmim menciona "*...é claro que eu tenho uma memória, mas eu não consigo compartilhar das dores, talvez, e dos desafios que essas colegas estão enfrentando*".

Este trecho do diálogo é muito interessante sob o prisma de que a memória que é feita do compartilhamento da dor possui um estatuto diferente. O estatuto do testemunho, possivelmente, uma vez que sustentar uma lembrança acompanhada do afeto suscitado e compartilhado entre companheiros de ofício, confere outro lugar na possibilidade de elaboração e de transmissão dessa experiência.

Considerando a memória desde uma perspectiva crítica à sua concepção enquanto arquivo monumental, operamos com a ideia de que a memória é movimento que envolve multiplicidade





SUMÁRIO



de elementos, bem como produz efeitos que mobilizam passado, presente e futuro. Se do ponto de vista do ofício a memória é pensada enquanto produção de estoque de recursos para agir, trata-se de tomar tal memória enquanto estoque feito de plasticidade uma vez que é investida enquanto contorno e abertura que se referem aos atos do trabalho.

Assim, a memória do ofício docente, sobretudo na pandemia, foi marcada por intensa experiência de devir, que envolveu perplexidade e *nonsense* em velocidade jamais vista até então. Memória que foi tecida no momento mesmo em que professoras e professores faziam a experiência do trabalho, passando por aquilo que se transformou e se transformava em ato, bem como nos momentos em que era possível certa parada nesse intenso movimento de "olhar" para o que acontecia no e pelo trabalho, tal como propusemos na pesquisa, tal como o fizeram professoras e professores no Seminário de Trocas Pandêmicas.

Memória do ofício tecida em um tempo bastante (im)preciso, tal como foi o da pandemia, consiste em uma dimensão que ganhou força por entre os elementos típicos da experiência do trabalho como atividade junto das e dos docentes. Aliás, tempo e memória andam juntos. Tempo, sobretudo na perspectiva de sua cronicidade, isto de sua não linearidade, de uma ordem do tempo que procede por variação infinita e movimenta-se espiralarmente, de modo que subverte as pretensas linearidades passado, presente e futuro (Bergson, 1999). A propósito, as professoras dizem isso no fluxo da conversa aqui em análise: ao escutar as outras pessoas, foram modificando seu dizer, produzindo outros dizeres por afecções diversas relativas às experiências partilhadas, e nessa modificação do dizer foram dando mais contornos às laçadas que compunham a tessitura da memória do ofício docente na pandemia que vinha sendo produzida, também, pela situação da pesquisa.

O tempo, assim como a memória, é plástico, feito da matéria expressiva dos devires, de modo que





SUMÁRIO



> (...) a memória não se restringe a uma versão única e linear sobre os fatos, e sim possui um caráter múltiplo, difuso, caótico, em que se ramifica e se desdobra de uma maneira magmática, a partir de uma interconexão de múltiplos planos temporais, que inclusive podem contradizer-se um com o outro (Hur, 2013, p. 181).

Além disso, aparece na fala de uma professora a perplexidade frente à nova demanda na pandemia: não aglomere! Quando a escola e o trabalho que lá se faz é justamente um trabalho que implica aglomeração. Como seria fazer esse trabalho agora? Essa parece ser uma perplexidade e, talvez, ao aparecer já no momento de apresentação da professora, pode figurar como uma linha problemática analítica aberta por ela a respeito de como enfrentar essa nova configuração. Se a escola não é mais aglomeração, possibilidade de encontro e surpresa, será o que então? Diz Jasmim:

> *(...) essa ideia da escola como encontro pra mim sempre foi, a escola pra mim sempre foi isso, a palavra de agora é aglomeração, mas pra mim a escola sempre foi isso, sempre foi estar junto das pessoas e fazer coisas junto das pessoas (...)*.

Em perturbação do espaço e do tempo, apesar de ainda não ter retornado para a escola presencial, um trabalho vinha sendo feito pela professora Jasmim:

> *(...) eu não consegui desconectar, por exemplo, vocês disseram que conseguiram desconectar, tô com uma bronquinha na área, então tem e-mail sendo trocado, whatsapp sendo trocado dessas dificuldades da relação entre professores e professoras que eu acho que sempre foi um desafio e cada instituição traz outras implicações (...)*.

O processo de trabalho prosseguiu na pandemia por meio dos dispositivos digitais nos esforços de produzir o que fazer em meio às variações impostas que envolviam questões administrativas em curso e decisões a tomar, instaurando temporalidades outras e exigências distintas daquelas de até então.





SUMÁRIO



ESCOLA SEM AGLOMERAÇÃO:
O QUE É ISSO?

No fluxo das apresentações, a pesquisadora pergunta se alguém gostaria de trazer para a conversa uma situação para análise, ou mesmo uma história da plataforma. Segue-se o comentário de uma professora dizendo que talvez o colega do grupo esteja "pedindo tempo" (professor faz gesto com dedo levantado), para trazer uma história.

> ***Hibisco**: Na verdade não seria compartilhar uma história, mas muito a partir da fala da Jasmin. que ela trouxe uma inquietação, eu vou fazer um comentário que me passou aqui enquanto ela tava falando, esse mal-estar de não estar de não estar na sala de aula nessa volta do presencial e daí eu fiquei associando esse mal-estar e pensando nesse nosso ser docentes de...é o nosso ofício, é o nosso fazer que nos torna docentes, né? Do jeito que a gente tá atuando como docentes e tá, do jeito que a gente tá atuando como docentes, fazendo o que os docentes e as docentes fazem eu posso dizer, olha eu sou professor, eu sou professora*.

O fio do mal-estar trazido pelas professoras anteriores é retomado no diálogo com a professora pelo professor, que o liga ao fato de não estarem em sala de aula, de estarem em ensino remoto fazendo o trabalho de modos distintos do que anteriormente e enfrentando situações inusitadas. A crise, o mal-estar, advém, ao que parece, do fato de não se reconhecer nesse novo modo de trabalhar que se impôs. No entanto, o simples fato de não estar mais trabalhando do modo como trabalhavam antes não seria por si só um entrave, uma vez que diante das infidelidades do meio abre-se uma possibilidade de criação de novo meio. A dificuldade naqueles dias parecia estar associada à intensidade das mudanças requeridas, em um contexto em que até mesmo os espaços para trocas entre pares a respeito das microgestões do trabalho realizadas eram escassos.





SUMÁRIO



> **Hibisco:** *(...) não sei se é isso, a gente tá vivendo essa ausência, essa ausência de uma grande parte do fazer, que é a relação com os estudantes nesse lugar que é físico, a gente tá sendo professor, o nosso caso talvez seja muito interessante de ser estudado porque a gente vai passar um ano inteiro, praticamente, né, só na relação virtual, são professores que mediados pela tela durante um superperíodo (...).*

A ausência do fazer parece associada à ausência do ser professor!

> **Hortênsia:** *Dois anos*
>
> **Hibisco:** *Dois anos, é, fiquei pensando agora que faz um ano que tem a câmera, né? Dois anos à distância, só que é difícil a gente encontrar pares pra falar sobre isso e daí fica esse sentimento de solidão, esse estranhamento, mas... não é bem isso que eu fazia...ah não sei, reflexões que eu tô jogando aqui não sei se não...*

Ausência dos pares, ausência de si! A ausência reclamada pelo professor indica-nos algo da ordem de um desaparecimento, ou de uma experiência forçada de "sair de si", típica das situações nas quais nos vemos em situações de *nonsense* no trabalho, precisando criar outras relações entre pares, entre docentes e estudantes, entre docentes e seus muitos elementos humanos e não-humanos envolvidos na experiência.

> **Hortênsia**: *Tem o pertencimento um pouco né, pertencimento da gente não... a gente pertence também a essa categoria e talvez tipo todos os outros professores ou a maioria dos outros professores e professoras, acho que a nossa situação pode até parecer aparentemente ideal, melhor por não tá exposto, mas nesse momento a gente se sente um pouco não pertencente talvez à nossa própria categoria, acho que tem muito a ver com a pergunta do ofício, então nosso ofício é o mesmo, todo mundo foi voltando e aí teve o híbrido, intercalava, várias experiências, cada escola foi construindo a sua, a nossa também, mas a nossa ainda tá, temporalmente parece que a gente tá atrasado.*





SUMÁRIO



A professora associa não pertencimento e ofício numa mesma formulação. A crise da ausência, da solidão, do não se sentir professor, professora, indica uma perda de referência relativa à processualidade de um fazer ordinário que é carregado, por sua vez, de instabilidades e mobilidades mesmo em situações ordinárias. No entanto, se o reconhecimento no e pelo trabalho advém da descoberta daquilo de que somos capazes no enfrentamento dos desafios do real (Clot, 2010a), haveria na situação pandêmica algo de paradoxal em jogo? A mesma experiência perturbadora de si na docência que tem a ver com a intensidade do abalo nos modos habituais de trabalhar propicia a descoberta de novos possíveis de si e para o trabalho? A dificuldade do momento estaria relacionada à temporalidade de uma urgência, bem como à complexidade dos elementos envolvidos nos problemas do trabalho naquele momento?

(PRE)OCUPAR-SE COM OS DESAPARECIDOS: "O CORAÇÃO NAS MÃOS"

Lidar com a ansiedade por parte dos estudantes que apelam pelo retorno ao presencial também aparece na conversa. O fato de a escola em que atuam estar vinculada à universidade e, portanto, seguindo o regramento desta, deixa, no entanto, a descoberta de uma necessidade: a do acolhimento de crianças da educação básica que ficam sem assistência estudantil.

> **Girassol**: *(...) tá um movimento assim de ansiedade por esse retorno, eles nos pedem muito pelo retorno, quando é que a gente vai se encontrar, isso aparece nos trabalhos, nas aulas, nas falas, nos encontros síncronos, não sei para os colegas, mas pra mim tem aparecido direto assim, sobre o dia que a gente vai se encontrar e a gente ao mesmo*





SUMÁRIO



> *tempo sabe que a escola tá começando a discutir, mas a gente sabe que não vai voltar esse ano e no ano que vem não sei como vai voltar, né, se voltar, acho que isso também, a gente fica um pouco decepcionada de não saber, dessas incertezas, desses recomeços.*

Os desafios enfrentados diante dessa demanda emergente pelos estudantes e os limites impostos pelo regramento que decide não retornar às aulas é associado pela professora à iniciativa que visou produzir, como disse, "*um senso de comunidade*". Senso esse que leva a pensar em um esforço de estar junto, de enfrentar os riscos acompanhadamente, de produção de confiança, por fim. Enquanto criação de meio para agir, o evento por eles organizado dá consistência a um desejo de experimentar-se como estando na origem das coisas, na nascente de possíveis naqueles dias tão marcados por exigências de imobilidade.

> **Hortênsia**: *(...) tivemos a ideia de trazer professoras e professores de outros contextos pra dialogar e construir junto, e isso acho que nos fortalece no pertencimento de categoria de trabalhadoras da educação, as parcerias também as reuniões, tá sempre pensando, outro dia a gente tava falando sobre o currículo e o pessoal ah, acho que não dá, não, a gente tem que pensar agora, eu acho que a gente tem um pouco essa sede assim, de não dá pra deixar pra amanhã, tem que fazer, tem que continuar a vida como se não tivesse parado, mesmo que a gente esteja virtualmente interagindo com os alunos.*

A dimensão da arte, de uma estética de criação de modos de trabalhar e viver na pandemia, afirma-se normativa (Canguilhem, 2009), e cria meio para existir, o que aparece, ainda, na sequência do diálogo, na fala da professora Hortênsia:

> *(...) em termos das nossas áreas de artes eu vejo assim que tá sempre criando é uma coisa que me mantém conectada então assim uma coisa que me...que eu acho muito produtivo na pandemia é que eu consegui recriar meu componente curricular enviando PDFs o ano inteiro, ano passado, sendo*





SUMÁRIO



> *que eu trabalho com música que é escuta e não podia mandar nem um arquivo nem... depois de determinado tempo me dei conta de que eu podia receber arquivos, né (risos) mas eu não podia enviar nem áudios, então a ideia da criatividade, de se reinventar é algo que me mantém conectada com a profissão de professora, então assim a conexão com os colegas, a conexão com professores de outros contextos, e a criação assim acho que é algo que me mantém conectada, ainda me sinto professora (risos).*

Sentir-se professora, perceber-se professora, então, não aparece exatamente no reconhecimento de si ao executar o trabalho de um modo já conhecido. Sentir-se professora, reconhecer-se no ofício ocorre justamente ali onde os modos de trabalhar se modificam, onde é possível estabelecer novas relações entre os termos envolvidos na operação do trabalho, experimentando a normatividade no sentido de Canguilhem (2009), ou seja, criando meios para existir e para trabalhar.

No fluxo dessa conversa, as pesquisadoras afirmam esse entendimento e restituem ao grupo que mesmo experimentando uma crise, criaram projetos para gerar uma condição de possibilidade a fim de poderem continuar recriando o ofício docente em meio à pandemia, pela via da narratividade, contando suas tentativas e estratégias empregadas no trabalho. Poder estar junto com as companheiras e os companheiros de trabalho a fim de viver o instável, a impermanência dos processos de trabalho parece ter sido importante nesses momentos.

Além de encontros para narrarem a experiência do trabalho real, estar junto, estar com, parece ter sido um dos maiores desafios ao trabalho docente na pandemia, tanto em tempos de trabalho remoto quanto de trabalho presencial, no sentido de que no contato dos corpos é que se torna possível enfrentar o real do trabalho docente. A sequência do diálogo sustenta isso, sequência essa na qual mantemos as marcações dos gestos corporais, uma vez que eles são passagens, no tempo, de sentidos em profusão, de





SUMÁRIO



dimensões que podem perturbar as significações estabelecidas e que enquanto gesto "falam uma experiência".

> **Margarida:** *Fiquei pensando assim me recordando de eu na expectativa de antes do primeiro retorno no ano passado e a angústia que eu tava por pensar essa volta, como que eu voltaria e o alívio que foi reencontrar meus colegas, foi uma coisa assim... daí todo mundo (GRITOS ANIMADOS), sabe? Ninguém podia se abraçar porque toda volta de férias era todo mundo se abraçando e aí eu senti isso com os alunos e agora nesses últimos dias eu tive uma experiência, assim, que foi muito forte, uma aluna que me mandou trabalhos lindos, tipo assim, não faltava uma atividade e ela mandando, daí ela veio pela primeira vez no presencial. Com a mudança de grupos que a gente teve, com a ampliação do número de alunos em sala ela retornou e eram os dois últimos períodos que eu tive com a turma, ela esperou toda a turma sair e ela parou na minha frente, tipo assim ela veio (FEZ MOVIMENTO COM O CORPO), ai quero um abraço, porque eu sempre fui de abraçar os meus alunos, sempre rolou uma coisa muito espontânea principalmente por ser aula de uma semana pra outra, e tal, acontecia muito isso, deles virem espontaneamente e ela parou na minha frente tipo... e congelou.... ai, não dá pra abraçar, né sora? Sabe? Ai então eu fiz com ela (MOVIMENTO COM O COTOVELO SIMULANDO O CONTATO DE CORPOS) Vamos, cotovelinho dá e tal, daí fiz (CORAÇÃO COM AS MÃOS), fiz coraçãozinho e daí ela falou: tá, uma hora vai dar pra gente se abraçar, né? Então essa coisa, do... como essa relação faz falta, e o bom é ouvir vocês e ver que a gente não tá sozinho, então tem isso assim o quanto a troca com o outro, sejam os nossos pares sejam os alunos, ela é importante, e é uma coisa assim, agora que eu tô com mais alunos nas turmas porque eu passei por muito tempo desse retorno até agosto com um aluno, dois alunos, três alunos, e agora a gente tá com a experiência... hoje eu tive uma turma com bagunça , com nove alunos e eu, ai que bom, poder chamar a atenção deles (RISOS), olha só pessoal!"*

Foi necessário literalmente fazer outro corpo para se encontrar com as crianças, foi necessário colocar o 'coração nas mãos'





SUMÁRIO



para tangenciar afetivamente professora e estudantes. Este é um singelo e grande gesto criado para sustentar o ofício de pé! Reencontrar a alegria de precisar chamar a atenção dos alunos em balbúrdia é outro elemento interessante. O que antes poderia ser estressor, naquele momento era um lugar de contato com o mais potente do trabalho docente.

Como tocar-afetar um corpo sem encostá-lo? Este parece ter sido, talvez, o maior desafio do trabalho docente na pandemia uma vez que não há aprendizagem se não existe um afeto alegre (Clot, 2010a) que nos mova, afeto esse assim entendido nas bases de uma inspiração spinozista, que nos dê borda no infinito. Foi isso que a equipe pesquisadora restituiu ao grupo naquele momento.

Prosseguindo a conversa pelo chat, a professora escreve:

> **Gérbera:** *Eu tenho me sentido docente, mas uma docente estranha (...). Tem sido um desafio tentar evitar o contato físico, e a aproximação nas aulas de Educação Física, vocês já tiveram que negar um abraço a uma criança?*
>
> **Margarida:** *Tenho um relato de quase abraço.*
>
> **Pesquisadora:** *Olhem que coisa linda essa ideia do quase abraço porque nesse quase... aí diz a Gérbera, ali: tem sido desafiador também dar aula na quadra de máscara é a coisa do corpo que vocês estão falando, e não como é que tu constrói um afeto entre corpos num quase corpo, esse aqui (GESTOS DE INDICAR O CORPO FISICO) aí a Margarida chega e diz a gente faz coraçãozinho (com o gesto) é quase como botar o coração na mão, né?.*

O diálogo nesse momento ganha velocidade e entra a próxima professora na conversa em profusão intensiva de sentidos muito interessante.

> **Girassol***: Eu comentei antes que eu tinha ido na plataforma pra deixar o meu termo e descobri na hora que tinha que deixar o relato, aí tô com o meu relato aberto aqui e ele começa assim: O trabalho docente só existe no contato*





SUMÁRIO



com o outro, não fosse o outro nós não estaríamos aqui, e aí agora a gente compartilhando aqui, a Gerbera comenta "eu me sinto uma docente estranha", eu acho que tem vários jeitos da gente se sentir uma docente meio estranha nesse momento e no nosso caso ali, no aplicação agora eu a gente tem a possibilidade dos encontros no Meet é quando esse outro não vem, é quando esse outro não responde, é quando tu não acessa, e aí faz como assim? Tu não tem notícias, porque no presencial ok, ele pode tá na aula e nem aí pra ti mas tu tá vendo que ele tá ali, ele pode tá nem aí pra ti, ou que ele tá fazendo outra coisa, mas e quando esse corpo não responde nada? Quando ele vem no Meet e não fala nada, não abre câmera, não fala no chat ou vem de vez em quando, então isso também acho que é uma angústia assim, no ser docente agora porque pega tudo, não tem o corpo, não tem nem como criar o vínculo, não sei nem se se fez, às vezes nem se construiu e a gente tem caso de aluno novo também, que felizmente não são esses desaparecidos mas a gente tem muitos que se perde... que se perdeu assim.

A situação de lidar com estudantes desaparecidos parece ser uma dimensão importante na analítica da experiência do trabalho na pandemia. Afinal, como fazer corpo com os desaparecidos? Quais são os percursos do trabalho de professoras e professores tendo em vista a necessidade de criar procedimentos para trabalhar visando encontrar aqueles que desaparecem?

A equipe pesquisadora pergunta então a respeito de como fazem para lidar com essa situação. Responde Girassol:

Acho que através de vários meios assim, a gente tá com o recurso da plataforma Moodle então mensagens incansáveis desde março, é orientação educacional, são os meios que a gente tem agora, de tentar, tem colegas que estão apelando pra tudo, família, whatsapp, e aí a gente começa a perceber também que tem um limite de fazer esse corpo porque eu não posso todos os dias mandar mensagem pra criança acordar e vir à aula, excede o meu fazer docente realizar certo tipo de aproximação ou de busca.





SUMÁRIO



A situação apresentada pela professora expressa o borramento das fronteiras do ofício experimentado naquele momento e a modificação substancial de um arranjo organizativo do trabalho, que em situação habitual permite um ambiente de contato com os estudantes viabilizador de um acompanhamento destes. Segue a professora:

> *Porque no presencial a gente tem a coisa de tá rondando ali, de criar aquele ambiente, aquela atmosfera, aquele espaço de encontro e no virtual esse ambiente se não tiver disponibilidade de ambos, porque a escola acaba às vezes, ok, tu vai obrigado, digamos assim, tu vai ter que ficar aquele tempo lá, tu tá exposto ali, tu tem outras vias de acesso, e no virtual tu não tem.*

Margarida entra na conversa pelo chat: *"na escola temos famílias que bloquearam as professoras, no caso dos desaparecidos"*. Como estratégia de ação, professoras e professores entram em contato via Whatsapp visando acessar os estudantes desaparecidos, mas se deparam com o limite dado pelas famílias. Um recurso, nesses casos tem sido, como diz a professora Margarida:

> *(...) eu sempre que vejo o nome na chamada e eu olho ali a lista de atividades da turma toda, um ou outro feito, alguns feito todos, mas esses assim que a linha tá em branco eu sinto uma angústia assim quando eu vejo, porque é justamente isso de não saber o que é que tá acontecendo com essa criança, então eu acho que tem um espaço bem grande pra eles assim na minha preocupação, porque tem alguns relatos assim a coordenadora passa pra gente as planilhas com as avaliações, tudo que tá acontecendo cada família, eu admiro muito o trabalho assim que é incansável, de ficar tentando contato pra ou retirar as tarefas na escola ou pro retorno presencial, enfim, e aconteceu de ela relatar de algumas famílias assim que bloquearam, que acham que a escola tava incomodando demais aí esses casos foram repassados pro conselho tutelar porque aí já é um nível de abandono da escola, então é uma questão bem seria.*





SUMÁRIO



Preocupar-se com os desaparecidos exige atividade das professoras e professores, estratégias de acesso a informações como modo de lidar com as angústias referentes ao que estaria se passando com as crianças. Prossegue a professora:

> *Porque a pessoa pode justificar, estou sem internet, não tô conseguindo acessar, tô numa situação difícil, como várias famílias recorreram à escola pedindo cesta básica, pedindo auxílio, mas esses assim tipo, tu bloquear porque eu não tô a fim, claro que isso é uma leitura que a gente acaba fazendo pode ser que tenham outras questões por trás desse bloqueio, né, o que que tá levando essa família de não responder de maneira alguma?*

A conversa encaminha-se para o término naquele momento quando a pesquisadora ressalta o movimento de questionamento acima, apresentado por Margarida que então se pergunta: *"daqui a pouco a gente julga, pá é isso, mas o que mais tem?"*. Quando a professora se questiona a respeito do que mais pode estar relacionado ao fato dessa criança estar "desaparecida" indica estar em atividade docente, uma vez que indagar sobre o que fazer nessa situação, o que não fazer, como lidar com a falta de acesso a ela faz parte do ofício. Isto porque a atividade não é apenas o que a gente realiza, é tudo aquilo que a gente pensa em fazer e não faz, sente que precisa fazer e não sabe direito o que fazer nem se deve fazer, tudo isso é estar oficinando o próprio trabalho.

AS CONVERSAS TERMINÁVEIS E INTERMINÁVEIS...

A respeito das intermináveis pistas que abrem essa conversa infinita com professoras e professores sobre o ofício docente em meio à pandemia por Covid-19 parece se destacar o exercício





SUMÁRIO



intenso de invenção de meios e da própria atividade mediante às inusitadas circunstâncias que emergem naquele contexto. O que coloca o "coração na mão" num desejo genuíno de seguir adiante e mesmo frente ao inacabamento do mundo e das situações, tomar postos de caminhar entre uma série de desafios concretos para o ofício docente, insistente e insubmissamente.

Nossa sustentação, pela análise dialógica das conversas em roda, faz mostrar exercícios de produção de uma máquina de guerra, no sentido deleuziano, ou em outras palavras, a incessante aposta de carrear formas outras e externas à forma-Estado, reinante e dominante, para perseguir um gaguejar discursivo necessário ao surgimento do pensamento no campo da análise do trabalho que siga atiçado, escapando dos modos comuns de leitura dos avatares experimentados.

As professoras e professores recolocam a força da palavra que alavanca o pensamento a desdobrar-se no tempo. Desdobramento ético sem precedente que se materializa pelo enfrentamento no e pelo trabalho para as incertezas e indeterminações suscitadas pela situação vivida de crise pandêmica e política aguda e de proporções incalculáveis. Buscam situar esforços no real do trabalho, fazendo e produzindo corpos e meios fora dos habituais, de costurar redes de proteção, redes de afetos, como esteios aos prosseguimentos e esforços de viver e trabalhar.

Tudo isso concorre para efetuar outros mundos dentro de certo mundo em colapso e crise, saturado de urgência e perigo, mas por onde corre uma temporalidade hesitante na presença viva do desejo de insistir e resistir. Sustentação de uma dimensão ética, tateante, na qual se cria ao mesmo tempo que se move sem garantias, fabricando novos cursos, vetores, diálogos, presença, abraços, mãos e corações.

Uma torção na experiência da memória com o tempo, numa benfazeja aposta oportuna, de retirar dos cacos do mundo, do





SUMÁRIO



trabalho, das perdas e das mortes, algo além de nós mesmos, numa espécie de memória coletiva em feitura, na qual se inscrevem rastros não totalmente situáveis ou sabidos, mas que se efetuam como germes fecundantes, dos quais outro presente, outro passado e quiçá, outro futuro, podem coadunar novas espécies de (con)textos.

Insistir nesta conversa(ação) indeliberada, faz-nos fabular gradativamente outras ideias. Analisar o ofício por suas práticas requer situar o que coube e o que não coube nelas. O que esteve possível e o que permanece pendente, como um trabalho com o tempo, esgarçando-o em outra direção. Numa direção aberta e conectável ao processo vivo e inesperado do pensamento e da vida.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Notas sobre o gesto. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 4, p. 09-14, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião:** 23 livros de poesia – volume 1. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

BENEVIDES DE BARROS, Regina. **Grupo**. A Afirmação de um Simulacro. Porto Alegre: Editora Sulina/Editora da UFRGS, 2007.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CLOT, Yves. **Le Travail à Coeur**. Pour en finir avec les risques psychosociaux. Paris: Édition La Decouverte, 2010b.

CLOT, Yves. O Ofício como Operador de Saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 16, n. especial 1, p. 1-11, 2013.





SUMÁRIO



DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

ESCÓSSIA, Liliana da. **O coletivo como plano de coengendramento do indivíduo e da sociedade.** São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

GONDAR, Jô. A clínica como prática política. **Lugar Comum**, v. 19, p. 125-134, 2004.

HUR, Domênico Uhng. Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção. **Athenea Digital**. v. 13, n. 2, p. 179-190, 2013.

JACOB, Marcelo. Impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental de professores: revisão integrativa da literatura. **Health & Society**, v. 3, n. 4, 2023.

LIMA, Lucas Alves de Oliveira; COSTA, Alcione do Socorro Andrade; OLIVEIRA, Ricardo Furtado de; CARVALHO, Alane Ribeiro de; PESSOA, Clelson Gomes da Silva; SANTOS, Inez Rosa dos; VIEIRA, Marizete; NASCIMENTO, Marcela Melo do; LESSA, Mikhael Buzon; PAULO, Alana Cândido. Saúde mental e síndrome de Burnout: perspectivas e desafios no trabalho docente durante a pandemia de COVID-19. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 17, n. 1, p. 1776–1789, 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SADE, Christian; FERRAZ, Gustavo Cruz; ROCHA, Jerusa Machado. O Ethos da Confiança na Pesquisa Cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. **Fractal**, v. 25, n. 2, p. 281-298, 2013.

SANTOS, Iraneide Nascimento; RUELA, Guilherme de Andrade; SILVA, Érica Barbosa Magueta; SILVA, Andressa Fernandes da; DIAS, Ana Cleide da Silva. Carga de trabalho docente e suas consequências à saúde durante a pandemia: uma revisão sistemática. **Educação em Revista**, v. 24, 2023.